

5

Referências

ALBUQUERQUE, A. F. S. (2003) A construção dos atos de negar em entrevistas televisivas: uma abordagem interdisciplinar do fenômeno em PLM com aplicabilidade em PLE. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ALENCAR, R.B. (2004) E aí? Uma proposta descritiva das expressões formulaicas para português L2 para estrangeiros. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PUC.

AUSTIN, J. L. (1990) Quando dizer é fazer : palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas.

BENNETT, M. J. (1998) Intercultural Communication: A Current Perspective. In: BENNETT, M. J. (Ed.). *Basic concepts of intercultural communication – selected readings*. Yarmouth: Intercultural Press, p. 1-34.

BLUM-KULKA, S. and OLSHTAIN, E. (1984) Requests and apologies: a cross cultural study of speech act realization patterns. *Applied Linguistics* 5 (3): 196-212.

BROWN, P.; LEVINSON, S. (1987) Politeness: some universals in language usage. 2ª ed., Cambridge, CUP.

CHENG, R. (2001) Self-politeness: a proposal. *Journal of Pragmatics* 33: 87-106

DAMATTA, R. (1997a) A Casa e a Rua. Rio de Janeiro, Rocco.

_____. (1997b) Carnavais, malandros e heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro, Rocco.

_____. (1986) O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro, Rocco.

FIORIN, J. L. 2007. A linguagem em uso. In: FIORIN, J. L. (org.) *Introdução à Linguística*. 5ª ed. São Paulo. Editora Contexto.

FRASER, B. (1981) On Apologizing. In: COULMAS, F. (ed) *Conversational Routine: Explorations in Standardized Communication Situations and Prepatterned Speech*. Mouton Publishers, The Hague.

GOFFMAN, E. (1967) *Interactional Ritual: essays on face-to-face behavior*. Nova York, Garden City.

HALL, E.T. (1998). The power of hidden differences. In: BENNETT, M. J. (Ed.). *Basic concepts of intercultural communication – selected readings*. Yarmouth: Intercultural Press, p. 53-67.

HOLANDA, S.B. de (1995). O Homem Cordial. In: HOLANDA, S.B. de Raízes do Brasil. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.

HOUAISS, A. et al. (2001) Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Objetiva.

_____. (1982) Dicionário Inglês-Português. Rio de Janeiro, Record.

LE BERRE, C. C. (2007) Formulações dos Atos Diretivos, em língua oral, no Português do Brasil. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LEVINSON, S. (1983) Pragmatics. Cambridge, Cambridge University Press.

LIMA, E. E. O. F. et al. (2008) Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiros. São Paulo: EPU.

_____. (2009) Novo Avenida Brasil 2: curso básico de português para estrangeiros. São Paulo: EPU.

MCEVOY, S. T. (1995) "I'm sorry but": The assessment of the descriptive meaning of prima facie non-descriptive or at most only semi-descriptive utterances. In: Journal of Pragmatics, 24: 35-53.

MEYER, R.M.B. (2000) Da polidez do inglês à cordialidade em português. Trabalho apresentado na mesa-redonda Português para falantes de inglês: alguns aspectos interculturais. Puerto Rico.

_____. (2002) Cultura brasileira e língua portuguesa: do estereótipo à realidade. In: CUNHA M. J. C. & SANTOS, P. Tópicos em português língua estrangeira. Brasília: Ed. UNB.

_____. (2003) PLE: aprendendo a falar como um brasileiro fala. Trabalho apresentado na XI Semana Interdisciplinar de Estudos Anglo-Germânicos. UFRJ.

PERNA, C. (2002) A competência pragmática na realização de pedidos de desculpas em inglês como L2. In: IBAÑOS, & A. M. T. SILVEIRA, J. R. C. (org.) Na interface semântica/pragmática: programa de pesquisa em lógica e linguagem natural. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=X5JKDPD40HYC&oi=fnd&pg=PA175&dq=%22atos+de+fala+expressivos%22&ots=pLTFV-Kiyp&sig=z6hx-YfjDVEmkinnDZ4YCljcyHY>

Acesso em 27 de março de 2010

PONCE, M. H. de et al. (2004) Bem Vindo! a língua portuguesa no mundo da comunicação. 6 ed. São Paulo: Special Book Services Livraria.

SEARLE, J. R. (1995). Expressão e significado. São Paulo: Martins Fontes.

VIDAL, R. T. (2000) Comportamento diretivo/requisitivo do professor de inglês como língua estrangeira Foco no núcleo do ato. Linguagem & Ensino, Vol. 3, No. 2, (75-107)

Disponível em: <http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v3n2/G_Vidal.pdf>
Acesso em 27 de março de 2010

WIERZBICKA, A. (1991) Cross-Cultural pragmatic – the semantics of human interaction. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.

_____ (1992) Semantics, Culture and Cognition. New York, Oxford, Oxford University Press.

<<http://www.teledramaturgia.com.br/>> Acesso em 27 de março de 2010

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_epis%C3%B3dios_de_Toma_L%C3%A1,_D%C3%A1_C%C3%A1> Acesso em 27 de março de 2010

Anexo 1

Resumo dos Episódios de *A Grande Família*

“Consciência Limpa é Melhor Que Dinheiro no Bolso”

Cansada do trabalho doméstico, Nenê contrata Rose, a afilhada da vizinha, para trabalhar temporariamente em sua casa. Um belo dia todos acordam e dão de cara com a moça trabalhando na cozinha, enquanto Nenê toma banho de sol no quintal. Tuco é quem fica vidrado na menina. Em meio às discussões entre Lineu e Nenê sobre a contratação da empregada, desaparece uma nota de cem reais que Lineu havia deixado em cima da geladeira para Rose fazer compras. Na verdade, o autor do sumiço é Agostinho, que sonha em ficar rico apostando na corrida de cavalos. Mas quase todos, mesmo sem convicção, desconfiam da empregada - principalmente Bebel, que está enciumada, achando que Agostinho se engraçou pela menina. Seu Flor é o único que desconfia de Agostinho. Está armada a confusão.

“Amigo é prá Essas Coisas”

Gilmar (Paulo Betti) é um velho amigo que aparece na casa de Lineu depois de se separar da mulher. Mas a chegada inesperada do novo hóspede provoca mil e uma confusões no subúrbio carioca. Agostinho morre de ciúmes ao perceber que ele e Bebel se entrosam muito bem. Ele, no entanto, não enxerga que o casamento de Gilmar terminou por conta da mudança na preferência sexual do velho amigo de Lineu.

“A Melhor Casa da Rua”

Agostinho cria um grande mal entendido ao ver um homem negro entrando na casa mais luxuosa da rua e o acusando de assaltante. O atrapalhado chega até a chamar a polícia para solucionar o caso. O que ninguém sabia até então é que o homem é, nada mais nada menos, do que o próprio dono da casa, interpretado pelo ator Milton Gonçalves. O novo vizinho, ao contrário do que a família pensa, é um empresário bem sucedido e muito educado. Além do engano de Agostinho, durante todo o

episódio, toda a família se vê envolvida em situações e comentários do dia-a-dia que mostram pequenos julgamentos errados.

“Ô Velho Gostoso !”

Enquanto Nenê e seu Flor assistem aos desfiles das escolas de samba na televisão, Bebel dorme crente que seu maridinho está trabalhando... Na verdade, Agostinho está na maior farra num baile de carnaval! O que o malandro não esperava é que a própria sogra o veria na televisão. Seu Flor não se agüenta e dá com a língua nos dentes, entregando o espertinho para a neta. Bebel se revolta e decide curtir o carnaval sozinha. Cheio de ciúmes, Agostinho sai para vigiar a esposa, mas acaba dando de cara com seu Flor! O flagrante acaba aliviando Agostinho e lhe dá uma possibilidade de vingança, pois o aposentado está paquerando Marina, a porta-bandeira da escola de samba do bairro.

“O Dia Internacional da Traição”

Que troca estranha! Em plena sexta-feira, Lineu deixa de sair com Nenê para acompanhar o chefe de sua repartição, Mendonça, numa blitz de fiscalização sanitária no restaurante Galeto na Brasa Comércio de Alimentos Limitada. Só que o tal restaurante, na verdade, é um "inferninho", a boate Selvagem. Por uma infeliz coincidência, Agostinho, com seu táxi, deixa dois marinheiros na porta da boate e não resiste à tentação de entrar no local. Só que é pego em flagrante pelo sogro ao colocar uma nota de dez reais na calcinha de uma das dançarinas! Na tentativa de pegar o dinheiro de volta, Lineu acaba se engalfinhando com o genro no meio da boate causando a maior confusão! Claro que os dois vão parar na rua! E como ele vai explicar para Bebel em casa que perdeu a aliança? Só com a ajuda do sogro!

Anexo 2

Resumo dos Episódios de *Os Aspones*

“O Primeiro Dia”

Tudo começou com uma pegadinha... Tales foi promovido a chefe de um departamento para não entregar o superior espertinho. Como brinde, carregou a estagiária, Leda, que acabara de chegar. Imaginando um cargo cheio de novas experiências e coberto de expectativas, Tales se depara com três funcionários nada produtivos. O Fichário Ministerial de Documentos Obrigatórios abrigava todos os documentos que as pessoas são obrigadas a tirar no Brasil. Para ele, seria o ponto mais alto no mundo da burocracia. Mas o lugar foi transformado num depósito de pastas e envelopes, sem nenhuma agitação. O desafio, então, foi colocar ordem em Caio, Moira e Anete. Ao invés de bajuladores, puxa-sacos e festinha de boas-vindas, Tales encarou lixa de unha, pé em cima da mesa e outros tipos de enrolação.

As duas salas do ambiente dividem dois grupos: cada um louco para acabar com a folga do outro. Tales e Leda decidem colocar um ponto final na moleza dos três. Já Moira, Caio e Anete resolvem puxar o tapete do novo chefe. Uma guerra sem fim, dentro de poucos metros quadrados e com muito mofo. Cenário ideal para as mais terríveis confusões. A perseguição de Tales por Moira começa aí: burrice entendida como deboche vão tirá-lo do sério e marcar o confronto dos dois.

Até que um despertador toca, lembrando que é hora de recolher a bandeira. O novo chefe assume a missão, enquanto Leda decifra a letra do Hino Nacional. Um encerramento perfeito para impor respeito: eles são jovens idealistas prontos para acabar com a esculhambação que anda por aí. Que venha o segundo dia!

“O Segundo Dia”

Intimidade é um problema... O segundo dia de trabalho no FMDO começou logo cedo, na carona que Tales pegou com Leda. Tentando

chegar rápido à repartição, o chefe pedia que a estagiária apenas dirigisse. Nada de cantar ou conversar. Afinal, àquela hora, seu cérebro só podia fazer apenas uma tarefa, já que metade dele está sempre ocupado, pensando em sexo. Isso mesmo! Tales revelou que, no inconsciente, cinquenta por cento de nossas atividades cerebrais pensam em sacanagem o tempo todo. Foi o suficiente para tirar Leda do sério: como ela conseguiria encarar as pessoas daqui pra frente?

Hora de pegar no batente. Caio e Anete trataram de não atrasar. Chefe novo querendo mostrar serviço e eles não iam dar essa bandeira, né? Moira, como sempre, atrasada, fez Tales perder o controle. Quando descobriu que os 'documentos' manuseados pelos três eram apenas páginas de livros – numa tentativa frustrada de fingir que trabalhavam - , Tales percebeu aonde tinha se metido: numa repartição que não tem absolutamente nada para ser feito. Há tempos que o governo paga seus salários sem motivo algum.

E agora, ele tem um desafio a vencer: arranjar uma ocupação para o FMDO. Enquanto isso, Leda se tortura com a idéia dos cinquenta por cento... E, como não poderia deixar de ser, a estagiária acaba se metendo numa confusão com o chefe e senta a mão na cara dele. Um mau começo para quem precisa manter a pose. Desnorçada, aumenta a discussão quando confessa para Anete e Moira que fez algo horrível com o chefe. E essas cabeças sujas interpretam pelo avesso, achando que Leda é o tipo de estagiária que faz tudo para subir na vida...

Caio e Tales resolvem se unir contra o complô feminino e a fofoca sobre o suposto caso se espalha. Motivo suficiente para Leda perder as estribeiras e atacar Moira e Anete. De troco, as duas resolvem fuçar na ficha de Leda Maria algum podre do passado e conseguem. Tales, inspirado na vingança das funcionárias, decide que o FMDO vai caçar os cidadãos abusados que existem no país. É hora de vasculhar a vida alheia e esculhambar quem não presta. Está fundado o 'Falar Mal Dos Outros'.

“O Grande Dia”

Chegou o grande dia! O FMDO finalmente vai voltar a ter utilidade pública, assumindo a sua verdadeira vocação nacional. Eles não vão falar mal das pessoas com ódio no coração, pelo contrário. Eles têm tanto amor por esses cidadãos que querem que eles se transformem em pessoas melhores. E o primeiro cidadão que amam tanto assim é o coitado do Rogério (Daniel Dantas)...

Um mauricinho que vive ‘costurando’ ao volante, seguindo ambulâncias para levar vantagem no trânsito. Para impressionar, nada melhor que uma carta timbrada, exigindo a presença desse engraçadinho em um departamento do governo para tratar de um assunto confidencial urgente. Pronto: a primeira vítima já está no papo! Depois de sofrer uma tortura psicológica, o cara entende que precisa de uns documentos obrigatórios para se safar. Enquanto isso, no mundo da burocracia, Tales, Leda, Caio e Anete saem para almoçar. E Moira? Bem, essa fica de plantão. Afinal, com chefe novo não se brinca e alguém tem que mostrar serviço. A coitada confundiu um work-shop com um sexy-shop e teve que enfrentar a fúria do chefe num figurino sado-masoquista à la dominatrix. Resultado? Voltou a fumar de tão nervosa...

E Tales deu uma verdadeira aula para a equipe aprender a xingar. Xingamento sem convicção não surte efeito. Tem que xingar olho no olho, seguro de si, escolhendo o ponto fraco da vítima. Depois, Rogério ainda teve que passar por um juramento: jurou solenemente que vai “tentar ser um cidadão menos folgado e imbecil”. Com a dignidade lá no pé, talvez essa criatura aprenda a dirigir melhor.

“Primeira Segunda”

Que loucura esse lugar! Agora todo mundo que sair da linha pode ser avacalhado, sem dó nem piedade, pelo FMDO. E, convenhamos, ter o poder de se vingar de certas pessoas pode ser algo maravilhoso... Um tirador-de-aliança-do-dedo, um grudador-de-meleca-embaixo-da-mesa e

um colocador-de-troço-pra-fora são alvos fáceis dessa turma. E Leda será a primeira a fazer questão de detonar quem cruzou pelo seu caminho.

Depois de ser bolinada por um carinha na véspera, ela resolve fazer pesquisa de campo para flagrar esses pilantras. Anete, que também ganhou um esfregão no ônibus, apoiou a decisão. Mas a gaiata da pegadinha tinha que ser a Moira – quem mais poderia ser?! – e lá foi ela, atrás de cantadas indecentes. Até que conseguiu e acabou deixando um garanhão com cara de bobo. Só que o dia não poderia ser perfeito para esta funcionária nada exemplar: Moira pisou num cocô mole e os respingos – adivinhem! – foram parar na cabeça de Tales, que passou o dia todo sentindo aquela catinga.

Justamente por causa desse probleminha, Anete foi parar dentro do banheiro com Tales para lavar os cabelos do chefe. Motivo suficiente de fofoca para o Congresso Nacional. Como quem tem fama, deita na cama, os dois acabaram um nos braços do outro, no maior climão de puro tesão! A carência sexual deles virou a maior pegação. Tudo dentro da cabine do banheiro. Haja fôlego! Claro que alguém tinha que pegar os dois com a boca na botija e aí, já era: todo mundo ficou sabendo.

Completando as vinganças pessoais, Caio também entrou na dança e esculhambou uma ex-namorada ingrata. A mocinha espalhou que ele não era bom de cama e que tinha o instrumento de trabalho pequeno demais. Patrícia (Betty Lago) é a segunda vítima do FMDO e acabou fazendo uma ode ao homem brasileiro.

“A Crise das Terças”

Terça é o dia das crises. Na quarta, a semana está praticamente encerrada. Quinta, fim-de-semana praticamente começado. Sexta, Brasília às moscas, dia dos boatos. Sábado, dia de beber todas. Domingo, de comer e dormir. Segunda, dia de começar tudo de novo. Terça, lógico, bate aquela crise de consciência básica...

Tales não segurou a onda e teve mais que um plá com Leda. Só que como tudo que é bom dura pouco, o remorso bateu fundo e o chefão passou o resto da noite se perguntando se o rala e rola tinha sido imoral ou amoral. Para resolver a questão, os dois foram parar num motel. Se conseguissem ficar nus sem transar, estaria provado que não eram imorais por terem relações no horário de trabalho. Claro que eles não se agüentaram e foram para os finalmente imorais.

Enquanto isso, na repartição, Caio e Anete armavam para Leda. A estagiária estava doida para jogar um contra o outro e queria dominar o escritório, começando pelo chefe. Motivo de sobra para despertar a fúria de Anete, que resolveu se vingar com uma puxada de tapete ou uma punhalada pelas costas. Já Moira, estava preocupada com o ar condicionado: “Leda fica diminuindo o frio escondido. Vou trancar e esconder a chave. Se ela sente frio na periquita, que não venha de saia tão curta!” Resultado? Acabou destruindo o painel e aí, adeus ar condicionado.

Para disfarçar a fugidinha, Leda fingiu um resfriado e Tales deu uma de chefe durão, para acabar com a fama de bonzinho e com o apelido de Zé Gotinha, mas acabou pegando pesado e magoou a estagiária. Na hora do plá, Anete apareceu e foi o maior bafafá! Lavaram a roupa suja e terminaram fazendo a pombinha da paz com as mãos para satisfazer Tales e acabar com a discussão... e com o climão!

Mas terça também é dia de branco e chegou a vez de Moira esculhambar os abusados que passaram pela sua vida. Só que sua lentidão habitual provocou um acidente que assustou os ex-namorados convocados ao FMDO. E os cinco fecharam o expediente num juramento justíssimo, prometendo não usar o cargo público em benefício próprio.

“Paranóias de escritório”

Medo de não ser reconhecido, roer unhas, comer a tampa da caneta, tirar meleca no trânsito, fazer xixi durante o banho ou mania de perseguição

são algumas das loucuras que habitam o lado obscuro de muitas pessoas. E não é fácil assumir esses hábitos esquisitos na frente dos outros. Por isso mesmo é que eles se transformam em paranóias desesperadoras para a maior parte desses “criminosos”. Ser pego em flagrante, então, é sentença de morte.

O FMDO, um lugar tão cheio de intrigas e fofocas, é quase um convite para a realização e descoberta das grandes paranóias da humanidade. Ou, pelo menos, desses cinco funcionários federais. E Tales, Anete, Leda, Moira e Caio enfrentaram esses grilos com muito bom humor e algum pavor. Foram 10 paranóias escolhidas a dedo para fechar o ano com chave de ouro.

Deixar fedor na privada do banheiro. É só você se sentir mal, que nem adianta rezar para não chegar ninguém no local. Claro que no primeiro ploc alguém vai bater à porta da casinha. E aqueles segundo que separam a vontade de gritar “tem gente!” com a de fingir que não tem ninguém ali se transformam numa eternidade cruel. O jeito é admitir e fazer cara de quem está morrendo para não ser crucificado. Leda que o diga: foi interrompida por Anete e Moira. As duas, aliás, foram vítimas da segunda paranóia.

Alguém escutar suas conversas. Quer falar mal de alguém ou contar a última fofoca quente do escritório? É melhor olhar em volta, fechar as portas e tentar a mímica. Porque o cochicho é um artifício fracassado e totalmente reprovável. Sempre tem alguém que estava só de passagem logo na hora em que você abriu a boca. Torça para que não seja o alvo da conversa, como Leda, que estava na cabine do banheiro e ouviu, por acaso, Anete contar que teve um rala e rola com Tales.

A terceira paranóia é uma confirmação de que tem algo errado na sua aparência. Um cocô de passarinho nas costas, uma calça furada, uma bragilha aberta ou spray no cabelo, assim como Tales. Na dúvida, corra pro espelho e tire a prova você mesmo. Não esperem que te contem: eles nunca contarão.

E colar meleca debaixo da mesa? É como assinar o atestado de porco e admitir que o salão não anda muito limpo... Caio passou maus momentos por causa dessa mania nada higiênica: foi visto por Anete e Moira, sem direito a desculpa esfarrapada e comprovou a quarta paranóia.

A quinta você conhece muito bem: estão te olhando esquisito, e você se pergunta o que estará acontecendo. Aí, camarada, todos os seus podres começam a borbulhar na sua cabeça. Podem ter descoberto algum deles e o seu está na reta. Tales passou por isso e o caso com as funcionárias: tentou esconder, mas acabou assumindo que os hormônios subiram à cabeça e foram mais fortes que ele. E por falar em ser descoberto, a paranóia seis é a dos microfones escondidos. Lembre-se: você sempre pode estar sendo ouvido, mesmo quando o escritório está vazio. Nesses momentos, até pensar alto é perigoso.

Errar por escrito é fatal. A sétima paranóia entrega você de bandeja para os inimigos rirem e debocharem durante anos a fio. E amigo-oculto? Tem coisa mais constrangedora e aterrorizante? A tensão de tirar alguém que você não gosta e o medo de abrir o presente e não saber disfarçar a cara de decepção podem levar qualquer um à loucura! Na repartição, Tales não só passou pelo aperto da oitava paranóia, o amigo-oculto, como acabou caindo nas garras da nona: bebeu demais e exagerou na festinha de fim de ano. Lamentável ter que se esforçar para lembrar o que fez na frente dos colegas.

Triste mesmo é passar ridículo na frente dos outros. A décima paranóia é realmente a mais terrível e ameaçadora. É a prova de que somos humanos e que, a qualquer momento, podemos ter nossa reputação destruída e, de repente, perceber que a vida dá voltas.

Moira teve a brilhante idéia de devolver todas as fotos 3x4 para os brasileiros, acompanhadas de uma cartinha desejando felicidade. Com isso, é promovida a superintendente do FMDO e se torna, obviamente, chefe de Tales. Adeus perseguição e adeus climão. Mas é época de festa. Dia de comemorar. Festejar as esculhambações que surtiram efeito

e acreditar que ano que vem as coisas serão melhores. Em Brasília, no Brasil e no mundo.

Anexo 3

Resumo dos Episódios de *Toma Lá, Dá Cá*

“O Dia em que a Terra tremeu”

Copélia descobre que seu apartamento se incendiou, e decide morar com a filha Celinha e seu marido Mário Jorge. Isadora rouba a dentadura do deputado Marreta, um cliente importante de Arnaldo. Ao recuperar a dentadura, o dentista o implanta de maneira errada, e Copélia, acidentalmente, lhe oferece um chá alucinógeno.

"Quando Paris Ilumina"

Para ganhar uma recompensa em dinheiro, o quarteto se submete a testar um remédio e gravar depoimentos dos efeitos do remédio. Todos sonham com o que fazer com seu dinheiro, mas quando Dona Álvaro diz que está se sentindo mal, todos se apavoram com o perigo que o remédio pode trazer.

"Boi Sonso, Marrada Certa"

O quarteto está em clima de superstição. A confusão começa com Mário Jorge, seguida por Arnaldo, tendo seu fim e sendo solucionada por Copélia, que como é uma mulher de soluções, para resolver esse dia, resolve chamar Ivone (ou a francesa Madame Madelon), mãe de santo que mais bebe do que reza. O quarteto fica meio ressabiado com a mulher, mas, acabam aceitando a proposta. Quando o espírito toma o corpo de Ivone, muitas revelações são feitas ao quarteto.

"A Língua Não Tem Osso"

Ao chegar da gandaia com Isadora, Copélia enfrenta a ira de Rita, que a acusa de bêbada e louca. Decidida a se vingar, a mãe de Celinha liga para Dona Álvaro e inventa que Rita está chamando o marido dela, Ladir, de gay. Enquanto isso, Arnaldo estuda estratégias para iniciar as vendas

de seus produtos da *Equipe Cão* em sociedade com Mário Jorge. Mas, se depender de Álvaro, o investimento dos dois irá por água abaixo!

"Dolly Pancada Seca"

Celinha organiza um jantar elegante para sua tia Dolly, que acaba de sair da prisão. Para estragar a noite dos casais, dona Álvaro invade o apartamento de Rita horas antes, acusando-a de ter uma conexão clandestina de TV. A culpa é de Isadora e Tatalo, que chamam o amigo Marcinho para refazer o "gato". Mas ele provoca um blecaute, que aumenta a confusão no prédio, ainda mais quando Álvaro volta com um policial, querendo prender Rita!

Anexo 4

Cenas de *A Grande Família*

“Consciência limpa é melhor que dinheiro no bolso”

1.

Agostinho: Bebel, eu queria falar com você uma coisa que, na verdade que, queria me abrir com você

Bebel: Eu sabia que você tinha olhado pra bunda daquela garota, eu sabia!

Agostinho: É muito pior do que isso. É uma coisa que eu não queria, eu juro pra você que eu não queria. Eu juro, mas é mentira, porque na verdade eu queria, eu sabia que eu não podia. Enfim, eu fiz uma besteira...

Bebel: Outra?

Agostinho: É, mas essa é uma coisa realmente horrível, é uma coisa nojenta...

Bebel: Ai, Tinho, eu to ficando nervosa...

Agostinho: Bebel, eu manchei a honra daquela moça tão pura, tão meiga, eu não queria. Juro pra você que eu não queria. Eu queria, eu sabia que eu não podia, entendeu?

Bebel: Eu não acredito que você fez isso, Agostinho. Eu não acredito!

Agostinho: Foi a última vez na minha vida. Eu juro por Deus pra você que isso nunca mais vai acontecer.

Bebel: Sai do meu quarto, Agostinho. Sai do meu quarto. Eu perdoo tudo menos traição. Sai daqui!

Agostinho: Ei, Bebel! Que traição, Bebel?

Bebel: Sai daqui! Eu odeio você!

Agostinho (para si mesmo): Tá vendo? Eu estou tentando...

2.

Nenê: Que é isso, Rose, pelo amor de Deus, olha ... nós é que vamos ter que arranjar dinheiro para pagar uma indenização a você por esse

constrangimento. Ai, meu Deus! Ô, Rose, desculpa, tá? Depois a gente conversa, mas desculpa...

(...)

Lineu: Foi tudo um engano. O Seu Flor achou o dinheiro embaixo da geladeira.

Nenê: Ai, que vergonha, Rose! A gente ficou tão envergonhado, mas que vergonha, meu Deus do céu! A gente ficou com tanta vergonha que a gente pensou, a gente pensou até em se matar.

Lineu: Suicídio coletivo.

Rose: Nossa!

Nenê: Você perdoa a gente, 'cê perdoa?

Lineu: Perdoa, Rose, por favor. Perdoa uma pobre família envergonhada?

Rose: Perdooo. Eu acho muito lindo quando uma pessoa perdoa a outra no filme, sabe?

Nenê: Mas você perdoa mesmo, de verdade?

Lineu: Não insiste, Nenê, se não ela desiste.

“Amigo É Pra Essas Coisas”

1.

Nenê: Você não podia ter feito isso comigo Lineu, não podia.

Lineu: Mas o que foi que eu fiz, criatura?

Nenê: Não me chama de criatura, que eu não gosto. Meu nome é Nenê!

Lineu: Seu nome não é Nenê, seu nome é Irene.

Nenê: Não me chama de Irene, que eu não gosto.

Tuco: Ih, a chapa esquentou na casa do Noca, hein...

Floriano: Isso é discussão, Tuco, não é briga.

Nenê: Lineu, eu tô com vontade de te matar!

Floriano: Agora acho que é briga.

Lineu: Nenê, o Gilmar é meu amigo. Ele está na pior... foi por isso eu convidei ele pra passar uns dias aqui em casa.

Nenê: Mas você não podia ter feito isso sem me perguntar antes.

Lineu: Se eu tivesse perguntado a você antes, o que é que você ia dizer?

Nenê: Eu diria que sim.

Lineu: Então, tá vendo, dá no mesmo, Nenê.

Nenê: Dá no mesmo? Dá no mesmo? Então dá no mesmo você ir jantar com o seu amigo lá na pastelaria do Beißola, porque hoje eu não faço janta nessa casa!

Bebel: Ô gente, que barraco é esse aqui?

Nenê: O seu pai que convidou um amigo pra dormir aqui em casa sem perguntar nada pra mim.

Lineu: O Gilmar está na pior! Eu não posso deixar ele na mão. A mulher botou ele pra fora de casa!

(...)

Lineu: Nenê, o Gilmar é meu amigo há trinta anos. Eu não posso deixar ele ir pra um hotel vagabundinho qualquer sozinho.

Nenê: Não interessa, nem que ele fosse seu amigo há cem anos, que você tinha que me consultar. Eu podia não querer ter aqui em casa um homem que fez uma cachorrada com a mulher. Ele deve ter tido um caso com uma garota da idade da sua filha.

Lineu: Ele não é um cafajeste, Nenê. Eu só estou fazendo isso pra ajudar um amigo.

2.

Gilmar: Desculpe, estou todo molhado.

3.

Floriano: Pão fresquinho, geleia, e o coitadinho do Lineu lá fora sem provar nada disso.

Nenê: Ai, para! Ô pai, o Lineu foi dormir num hotel, não foi pra debaixo da ponte.

Tuco: É, mas é quase ponte, né? Porque esses hotéis daqui da região, vou te falar, só tem espelunca. O tio de um amigo meu foi se hospedar num hotel desses aí e acordou na banheira, e sem rim.

Nenê: Para com isso, Tuco. Eu já tô arrependida o suficiente, né? Eu passei quase que a noite toda sem dormir por causa dessa história.

(Lineu entra) Lineu! Ai, Lineu, ai meu amor, me desculpa, ai desculpa, Lineu... Eu sou a mulher mais grossa do mundo!

Lineu: Tá bom, Nenê, tá, tá bom. Depois a gente conversa. Eu tive uma noite péssima.

4.

Gilmar: Lineu, você tá incomodado com o que eu disse lá no hotel?

Lineu: Nós estamos no século XXI. A gente vê isso toda hora na televisão.

Gilmar: Então por que você tá tão nervoso?

Lineu: É que na televisão é sempre mais fácil.

Gilmar: Eu sabia que você, como os meus outros amigos.

Lineu: Então por que você me contou?

Gilmar: Porque eu também sabia que você seria o único a se esforçar para compreender.

Lineu: Você me desculpa eu estar agindo assim, dessa forma, mas é que pra mim é muito difícil. Você é um homem sofisticado, anda de avião, eu sou um suburbano, um...

Gilmar: Um amigo que eu me orgulho de ter

“A Melhor Casa da Rua”

(...)

Otávio: Aí! Meu celular! Então foi você, Lineu? Estou chocado!

Lineu: Você está chocado? Imagina eu! Ô, Otávio, desculpa, eu ia te contar, eu estava com o celular sim, mas não fui eu que coloquei no lixo, Agostinho, vem cá, vem cá, eu ia contar isso pra você, Otávio...

Otávio: Quando, quando eu fosse demitido? Já entendi, Lineu, entendi. Você se fez de meu amigo pra me prejudicar. E agora tava jogando fora a prova do seu crime. Eu sei como é que é isso, eu sei. Para chegar onde eu estou, eu tive que enfrentar muitos racistas como você.

Lineu: Eu não sou racista!

Otávio: Não, não. No Brasil ninguém é racista! Estão ouvindo? O Lineu não é racista! O Lineu não é racista! No Brasil não tem racista! Somos

todos iguais, não é verdade? Não é verdade? Até que o crioulo compra uma casa melhor que a do seu vizinho branco.

Lineu: Ô, Agostinho! Vem aqui, vem aqui! Me ajuda a explicar pro Otávio aqui porque o telefone dele estava no lixo.

Agostinho: Tava no lixo? Ô, Otávio, quando for assim, você me dá, pô. Fazendo uma falta danada!

Lineu: Agostinho, por favor, fala a verdade.

Agostinho: Que verdade, Lineu? Verdade é o que? Eu, por exemplo, assim, eu prefiro ouvir assim, uma mentira enorme pela minhas costas do que uma verdade na minha cara, né?

Lineu: Agostinho.

Agostinho: Então... Ta bom, vai, eu confesso, pronto.

Otávio: Confessa o que? Hã? Confessa o que?

Agostinho: Tenho inveja de você, Otávio. Pronto, só isso, pronto, falei.

Lineu: Só isso?

Agostinho: Não. Tenho inveja de você, da sua casa, da sua empregada, da sua piscina, das coisas que você tem, então você me perdoa, eu fiquei inventando que você tinha roubado meu celular, fiquei imaginando isso, aí vasculhei seu escritório, vasculhei a sua casa, até vi o seu extrato bancário, o saldo lá...

Lineu: Não, peraí, isso eu também vi.

Agostinho: Não, mas viu porque eu insisti, porque eu mostrei. Entendeu, que eu tava ali, só eu e o Lineu... nós achamos o celular, é igual o meu, o Lineu pegou achando que era o meu, ta entendendo? Foi isso. Aí hoje, quando ele decidiu que ia te contar tudo, eu ainda peguei o celular e joguei no lixo.

Otávio: Por que que você fez isso, Agostinho?

Agostinho: Porque eu não queria que o Lineu pagasse por uma coisa que, afinal de contas, não foi ele que fez, fui eu. Então, Otávio, você me perdoe, eu não ia falar, mas também a pessoa não aguenta viver com uma coisa dessa dentro... então eu..

“O Dia Internacional da Traição”

(...)

Lineu: Olha, Agostinho, você me desculpe, mas eu tive que botar você pra fora de casa, e não arranjei outra maneira, então...

Agostinho: Você mentiu? Quer dizer, você não consegue mentir pra ninguém, pra mim, você consegue mentir. Pra mim, pode, né?

Lineu: Agostinho, não torne as coisas mais difíceis pra mim.

Agostinho: Você acha que pra mim está sendo fácil? Lineu, eu nunca imaginei que você seria capaz de me enganar dessa maneira.

Lineu: Agostinho...

Agostinho: Lineu, se for pra mentir, é melhor você não falar nada.

Lineu: Agostinho, você só vai ficar aqui enquanto as coisas esfriam lá em casa, eu prometo.

Agostinho: Infelizmente, Lineu, eu não consigo mais acreditar em você.

“Ô Velho Gostoso”

(...)

Nenê: Papai, como é que ‘cê pôde esconder durante vinte anos que ‘cê tem uma filha?

(...)

Floriano: Nenê, eu não traí a sua mãe, não. Não traí mesmo, não. Juro. Quando aconteceu a sua mãe já havia morrido.

Nenê: Por que é que você não contou logo, papai?

Floriano: Ai, minha filha, eu... você já ‘tava grávida do Tuco, já ‘tava grávida dele. Como é que eu, um avô já de quase dois netos, ia chegar com um bebê no colo dizendo: “Olha aqui a filha que eu tive do Carnaval?” Eu fiquei com vergonha.

Nenê: Ai, pai, eu podia até aceitar que você não contasse logo, que você demorasse, mas vinte anos?

Floriano: Minha filha, tudo o que eu posso fazer agora é lhe pedir desculpas.

Anexo 5

Cenas de Os Aspones

“O Primeiro Dia”

1.

Tales: Tá, você vai por esse caminho, né? Você vai continuar optando gratuitamente pelo caminho do deboche, não é isso?

Moira: Desculpa doutor, quer dizer, Tales, eu não, é que eu pensei que o senhor tinha feito uma... ai, que você tinha feito uma piada.

Tales: Deixa eu te falar uma coisa: a sua sorte é que eu não sou um desses chefes que marca um funcionário e fica fazendo climão com ele.

(Moira balbucia: “Eu não sei mais...” e “Eu não faço nada...”)

“O Segundo Dia”

Caio: Tomara que ela não seja burra o suficiente a ponto de desrespeitar a inteligência do Tales e chegue aqui com uma daquelas desculpas dela.

Anete: Tipo tava engarrafada atrás de uma passeata monstro dos Sem-Terra.

Moira: Ai, gente, ui, desculpa o atraso, mas é que eu tava presa atrás de uma passeata monstro dos Sem-Terra.

“O Grande Dia”

Anete: Uma risadinha sua e nós vamos dizer ao Tales que você acha o Osvaldo Montenegro um chato.

Moira: [rindo] Desculpa. Eu tô rindo de nervoso. Vocês trouxeram uma pra mim também?

“A Primeira Segunda”

Tales: Vem cá, vergonha, você não tem vergonha?

Leda: Que que eu fiz? (...) Cara, você é muito estressado, tem que cortar um pouco dessa cafeína aí. Poxa, desculpe o atraso! Fiquei até tarde

trabalhando... difícilíssimo encontrar uma pessoa escrota nesse país. (...) Tales, eu praticamente virei a noite procurando as fichas, vendo uma por uma, não encontrei ninguém que valesse a pena a gente esculhambar.

Tales: Olha aqui, Leda, agora eu vou falar: o seu carro, esse seu Opala aqui foi visto uma e meia da madrugada estacionado na frente de um lugar chamado Las Vegas.

Leda: Então, exatamente, eu procurei nas fichas, não encontrei ninguém ... fui procurar numa boate.

“A Crise das Terças”

1.

Tales: Bom, onde é que a gente ‘tava mesmo?

Leda: Não, é que ... a gente tinha combinado que você não ia ficar excitado.

Tales: Olha, eu tenho que pedir desculpa pra você. Porque ele agiu sozinho.

Leda: Não, tudo bem. Acontece.

Tales: Não, não acontece não, porque nós fracassamos na nossa tentativa de ser amorais. E não tem jeito, nós brasileiros, nós somos imorais mesmo. É a verdade. Essa é que é a verdade.

2.

Moira: Gente, eu não tenho culpa se eu sou eficiente demais escondendo as coisas, tenho? O problema é quando você consegue um esconderijo realmente bom, depois você nunca mais encontra.

“Paranóias de Escritório”

Dr. Góes: Moira, você tem ideia do efeito que essas cartas tiveram?

Moira: Oi? Como assim?

Dr. Góes: Essas quatro mil e trezentas pessoas contaram pra outras milhares de pessoas que por sua vez contaram pra outras milhares de

peçoas e milhares de peçoas e milhares e milhares e milhares de peçoas...

Moira: Desculpa aí, porque eu não tava...

Dr. Góes: Desculpa? Desculpa? Foi a melhor estratégia de marketing que eu já vi. É! A popularidade do governo subiu vinte por cento em um dia.

Anexo 6

Cenas de *Toma Lá Dá Cá*

“O Dia em que a Terra Tremeu”

1.

Bozena: Desculpa, Dona Celinha, eu ir entrando assim, sem cerimônia, mas é que hoje é meu dia aí em frente, e a porta estava escancarada sem ninguém em casa, uma coisa apavorante! Entrei, pé ante pé, esperando encontrar os corpos ensanguentados, mas como não posso ver sangue, pensei melhor e vim pra cá em busca de solução, daí... Dona Rita!

2.

Arnaldo: Não! Deputado, eu posso explicar...

Deputado: Menas palavras e mais ação. Cadê os dentes? Cadê os dentes?

Rita: Calma, calma, seu Deputado. Sabe o que é? Houve um problema aqui hoje em casa, com o meu marido.

(...)

Arnaldo: Deputado, eu sei que o senhor deve estar nervoso, e com toda a razão, mas eu lhe garanto que ainda hoje os seus dentes serão colocados.

3.

Rita: Eu confesso, eu confesso. Eu taquei fogo na Chubaca. Eu achei que era coisa ilícita, filhão.

Mário Jorge: Como é que você faz uma coisa dessas com o projeto do menino? Coitado.

Rita: Mário Jorge, o horário não me permite responder à altura. Vamos pra casa, Tatalo. Eu, eu me responsabilizo. Eu ligo pro seu professor, tá? Eu explico tudo pra ele. Fica tranquilo. Vamos embora, vamos. ‘Cê desculpa, eu achei estranho, ué! Você não falou nada...

“Quando Paris Ilumina”

Arnaldo: Olha, Rita, eu acho que eu te devo desculpas, sabe?

Rita: Não.

Arnaldo: Eu acho que eu estraguei mais um aniversário seu, mas foi com a melhor das intenções.

Rita: Foi nada. Já passou, meu bem.

Arnaldo: Olha aqui, ó.

Rita: O que?

Arnaldo: Pra você, Rita. Olha aqui...

Rita: Ai, gente, que lindo!

Arnaldo: Olha, gente liga na tomada e fica tudo iluminado, olha aí.

Rita: Ai, sei...

Arnaldo: Por enquanto essa é a Paris que eu posso te proporcionar.

Rita: Que lindo, meu bem. Tô até emocionada.

Arnaldo: Olha, me desculpa, viu?

Rita: A gente vai pra Paris um dia?

Arnaldo: Claro. Ano que vem eu vou te levar na verdadeira Paris.

Rita: Será, meu bem, será?

Arnaldo: Te juro, Rita.

“Boi Sonso, Marrada Certa”

Celinha (Varrendo junto aos pés de D. Ivone): Dona Ivone, vai me desculpar, Comadre Madelon, me desculpe, mas a Bozena tem que passar uma vassourinha aqui, senão o caco entra no pé.

“Língua Não Tem Osso”

1.

Celinha: É, conheço os mecanismos da Equipe Cão, porque a filha da Judite, sabe, já fez parte. Ela era boxer, se eu não me engano. Pra você chegar a Grão-vizir Cachorrão, você tem que fazer muito investimento. Só

cinco caixas? Só isso de produtos, Mário Jorge? Essa história tá meio mal contada... Quanto? Quanto, Mário Jorge?

Mário Jorge: Ué, quanto, o quê?

Celinha: Quanto você pagou por essas cinco caixas?

Mário Jorge: Eu? Eu não paguei nada.

Celinha: Me economiza, Mário Jorge. Me economiza, que eu estou cansada! Quanto você pagou por essas cinco caixas?

Mário Jorge: Mil e quinhentos.

Celinha: Não acredito! Não acredito! Você pagou mil e quinhentos reais por essas cinco caixas, estocando produtos de cachorro, se nem cachorro nós temos! Mário Jorge, que posto você comprou na organização?

Mário Jorge: Fila brasileiro... mas, mas, mas tem vantagens, Celinha, tem vantagens! Pulei cocker spaniel, pulei poodle, pulei labrador... eu sou fila brasileiro, mas minha meta é chegar a dog alemão.

Celinha: Mas isto é uma loucura! Isto é uma loucura! Só mesmo um homem que nasceu de bermuda pra cair nesse conto do vigário! Meu Deus, o Arnaldo já veio com uma conversa mole pra mim, querendo me aliciar para a operação. Ele veio com um papo esquisito, dizendo que eu poderia ser uma dálmata. Pinta por pinta, eu prefiro ser onça, Mário Jorge, onça!

Bozena: E eu, fico de que jeito? É muito difícil ficar na periferia das histórias, daí... ninguém se interessa muito pelo destino de nós.

Celinha: Você está falando do quê, Bozena?

Bozena: O dinheiro que eu tirei da poupança.

Celinha: Tirou dinheiro pra quê, Bozena?

Bozena: Doutor Mário Jorge me convenceu. Vou ser cachorra! Ele me arranjou uma vaga por cento e cinquenta reais.

Celinha: Vaga de quê, Mário Jorge?

Mário Jorge: Vira-lata pelo curto brasileiro.

Bozena: Mas eu tenho a meta, Dona Celinha, de chegar em dois meses a pequinês, dois meses. Não lhe parece um bom prazo?

(Celinha olha Mário Jorge de forma ameaçadora. Mário Jorge dá um sorriso amarelo, se encolhe e levanta as mãos de forma defensiva.)

2.

Isadora: Paulão! Que é isso? Tá animando casamento de coroa, agora, fazendo strip-tease, é?

Rita: Cala a boca, Isadora!

Paulão: Eu acho que rolou foi um mal-entendido, na verdade.

Arnaldo: Um “péssimo-entendido”, meu amigo, um “péssimo-entendido”! Meu Deus! Eu nunca podia imaginar que eu ia ver um homem de cueca dançando nu, na minha sala, da minha casa!

Isadora: Eu adorei. Por mim ele ficava aqui, deitado no sofá, enfeitando o ambiente...

Arnaldo: Onde é que nós vamos parar, meu Deus?

Paulão: Eu posso explicar, se é que isso tem explicação. O fato é que eu tava em casa, de bobeira, uma mulher me ligou, disse que era casada, que tinha uma filha, e que se amarrava numa cachorrada. E o pior: deu nome aos bois. Disse que era a Rita do 1101. Eu tô aqui, mas eu tô achando que isso pode ter sido um trote.

3.

Álvara: Bom, eu estou pedindo para que todos os condôminos assinem este abaixo-assinado. É um ato de repúdio contra os moradores aí da frente. A próxima que eles fizerem, estão no olho da rua, viu?

Celinha: A Rita e o Arnaldo? Ah, não, Dona Álvara, a senhora me desculpe, mas nós não podemos assinar uma coisa contra o Arnaldo e a Rita. O Arnaldo foi meu marido, é pai do meu filho. A Rita é ex-mulher de Mário Jorge, mãe dos filhos dele.

Álvara: Isso tudo é uma pouca-vergonha. Vocês devem assinar este manifesto baseado no princípio de que se eles fossem coisa boa, vocês teriam permanecido casados.

Mário Jorge: É, aí a senhora tem razão. Só um instantinho, viu, Dona Álvara? Eu preciso ter um particular com a minha mulher aqui. A senhora vai ali na varanda tomar um ar, só um instantinho, dá licença, viu, Dona Álvara, dá licença, dá licença. Celinha, essa pode ser a nossa grande chance! Se a gente conseguir desovar o Arnaldo e a Rita do apartamento aí em frente, a gente pode retomar aquele velho sonho de juntar os dois

apartamentos. Você mesma disse que a Rita volta e meia passa dos limites!

Celinha: Mário Jorge, se você botar teu nome nesse abaixo-assinado, eu vou me zangar com você.

Mário Jorge: Mas Celinha, é a nossa única chance! Se eles não saírem agora, não saem nunca mais...

Celinha: Pois não vão sair e pronto! Imagina se eu vou me vender pra Dona Álvaro! Era só o que me faltava!

Mário Jorge: Dona Álvaro, é, eu sinto muito, mas nós não podemos assinar esse abaixo-assinado.

Álvaro: Não?

Mário Jorge: Não.

Celinha: Nós não achamos que a Rita e o Arnaldo mereçam ser punidos.

“Dolly Pancada Seca”

1.

Dolly: Deixa eu despedir da minha sobrinha linda. Querida, desculpa, da próxima vez eu fico até o final do jantar...

Celinha: Tá.

Dolly: ... mas agora eu tenho a companhia do coronel Heitor. Beijos a todos. Muitíssimo obrigada pela acolhida.

2.

Celinha: Peguei! Que é que é isso, hein? Que intimidade é essa com os meus pratos, minhas travessas, meus talheres? Cuidado com esse copo, viu, Tatalo, que é do conjunto. Quebrou, desfalca!

Rita: Você me desculpa, viu, Celinha, 'cê desculpa. Com essa confusão toda da Dolly, nós acabamos ficando sem jantar, né? Falando nisso, sua mãe deu notícia?

Celinha: Ainda não. Tô até preocupada...

Anexo 7

Situações de pedidos de desculpas

Quadro 1 Situações de Pedidos de Desculpas – A Grande Família

	DIFI	Justificativa	Expressão de responsabilidade	Expressão de Repúdio ao Erro	Promessa de abstenção	Promessa de reparação
SPD 1				É muito pior do que isso. É uma coisa que eu não queria, eu juro pra você que eu não queria. Eu juro, mas é mentira, porque na verdade eu queria, eu sabia que eu não podia. Enfim, eu fiz uma besteira...	Foi a última vez na minha vida. Eu juro por Deus pra você que isso nunca mais vai acontecer.	
SPD 2	Ai, meu Deus! Ô, Rose, desculpa, tá? / Você perdoa a gente, 'cê perdoa? / Perdoa, Rose, por favor. Perdoa uma pobre família envergonhada? / Mas você perdoa mesmo, de verdade?			Ai, que vergonha, Rose! A gente ficou tão envergonhado, mas que vergonha, meu Deus do céu! A gente ficou com tanta vergonha que a gente pensou, a gente pensou até em se matar.		Nós é que vamos ter que arranjar dinheiro para pagar uma indenização a você por esse constrangimento.

	DIFI	Justificativa	Expressão de responsabilidade	Expressão de Repúdio ao Erro	Promessa de abstenção	Promessa de reparação
SPD 3		Nenê, o Gilmar é meu amigo. Ele está na pior... Foi por isso eu convidei ele pra passar uns dias aqui em casa. / O Gilmar está na pior! Eu não posso deixar ele na mão. A mulher botou ele pra fora de casa! / Nenê, o Gilmar é meu amigo há trinta anos. Eu não posso deixar ele ir pra um hotel vagabundinho qualquer sozinho. / Ele não é um cafajeste, Nenê. Eu só estou fazendo isso pra ajudar um amigo.				
SPD 4	Desculpe, estou todo molhado.					
SPD 5	Eu já tô arrependida o suficiente, né?					
SPD 6	Ai, Lineu, ai meu amor, me desculpa, ai desculpa, Lineu...	Eu sou a mulher mais grossa do mundo!				
SPD 7	Você me desculpa eu estar agindo assim, dessa forma,	mas é que pra mim é muito difícil. Você é um homem sofisticado, anda de avião, eu sou um suburbano, um...				

	DIFI	Justificativa	Expressão de responsabilidade	Expressão de Repúdio ao Erro	Promessa de abstenção	Promessa de reparação
SPD 8	desculpa, eu ia te contar,		eu estava com o celular sim			
SPD 9	então você me perdoa /	Tenho inveja de você, Otávio. / Tenho inveja de você, da sua casa, da sua empregada, da sua piscina, das coisas que você tem / nós achamos o celular, é igual o meu, o Lineu pegou achando que era o meu, tá entendendo?	Ta bom, vai, eu confesso, pronto.			
SPD 10	Então, Otávio, você me perdoe,	Porque eu não queria que o Lineu pagasse por uma coisa que, afinal de contas, não foi ele que fez, fui eu.				
SPD 11	Olha, Agostinho, você me desculpe,	mas eu tive que botar você pra fora de casa, e não arranjei outra maneira, então...				Agostinho, você só vai ficar aqui enquanto as coisas esfriam lá em casa, eu prometo.

	DIFI	Justificativa	Expressão de responsabilidade	Expressão de Repúdio ao Erro	Promessa de abstenção	Promessa de reparação
SPD 12	Minha filha, tudo o que eu posso fazer agora é lhe pedir desculpas.	Ai, minha filha, eu... você já 'tava grávida do Tuco, já 'tava grávida dele. Como é que eu, um avô já de quase dois netos, ia chegar com um bebê no colo dizendo: "Olha aqui a filha que eu tive do Carnaval?" Eu fiquei com vergonha.				

Quadro 2 Situações de Pedidos de Desculpas – Os Aspones

	DIFI	Justificativa	Expressão de responsabilidade	Expressão de Repúdio ao Erro	Promessa de abstenção	Promessa de reparação
SPD 13	Desculpa doutor, quer dizer, Tales,	eu não, é que eu pensei que o senhor tinha feito, ai, que você tinha feito uma piada.				
SPD 14						
SPD 15	desculpa o atraso,	mas é que eu tava presa atrás de uma passeata monstro dos Sem-Terra.				
SPD 16	Desculpa.	Eu tô rindo de nervoso.				
SPD 17	Poxa, desculpe o atraso!	Fiquei até tarde trabalhando... difícilimo encontrar uma pessoa escrota nesse país. (...) Tales, eu praticamente virei a noite procurando as fichas, vendo uma por uma, não encontrei ninguém que valesse a pena a gente esculhambar.				
SPD 18	Olha, eu tenho que pedir desculpa pra você.	Porque ele agiu sozinho.	Não, não acontece não, porque nós fracassamos na nossa tentativa de ser amorais.			

	DIFI	Justificativa	Expressão de responsabilidade	Expressão de Repúdio ao Erro	Promessa de abstenção	Promessa de reparação
SPD 19	Gente, eu não tenho culpa se eu sou eficiente demais escondendo as coisas, tenho?	O problema é quando você consegue um esconderijo realmente bom, depois você nunca mais encontra.				
SPD 20	Desculpa aí,	porque eu não tava...				

Quadro 3 Situações de Pedidos de Desculpas – Toma Lá Dá Cá

	DIFI	Justificativa	Expressão de responsabilidade	Expressão de Repúdio ao Erro	Promessa de abstenção	Promessa de reparação
SPD 21	Desculpa, Dona Celinha, eu ir entrando assim, sem cerimônia	mas é que hoje é meu dia aí em frente, e a porta estava escancarada sem ninguém em casa, uma coisa apavorante! Entrei, pé ante pé, esperando encontrar os corpos ensanguentados, mas como não posso ver sangue, pensei melhor e vim pra cá em busca de solução				
SPD 22		Sabe o que é? Houve um problema aqui hoje em casa, com o meu marido.	eu sei que o senhor deve estar nervoso, e com toda a razão			eu lhe garanto que ainda hoje os seus dentes serão colocados
SPD 23	'Cê desculpa /	Eu achei que era coisa ilícita, filhão. / eu achei estranho, ué! / Você não falou nada...	Eu confesso, eu confesso. Eu taquei fogo na Chubaca. / Eu, eu me responsabilizo.			Eu ligo pro seu professor, tá? Eu explico tudo pra ele.
SPD 24	Olha, Rita, eu acho que eu te devo desculpas, sabe?	mas foi com a melhor das intenções.				Claro. Ano que vem eu vou te levar na verdadeira Paris. / Te juro, Rita.

	DIFI	Justificativa	Expressão de responsabilidade	Expressão de Repúdio ao Erro	Promessa de abstenção	Promessa de reparação
SPD 25	Dona Ivone, vai me desculpar, Comadre Madelon, me desculpe,	mas a Bozena tem que passar uma vassourinha aqui, senão o caco entra no pé.				
SPD 26		mas, mas, mas tem vantagens, Celinha, tem vantagens! Pulei cocker spaniel, pulei poodle, pulei labrador... eu sou fila brasileiro, mas minha meta é chegar a dog alemão.				
SPD 27						
SPD 28		Eu posso explicar, se é que isso tem explicação. O fato é que eu tava em casa, de bobeira, uma mulher me ligou, disse que era casada, que tinha uma filha, e que se amarrava numa cachorrada. E o pior: deu nome aos bois. Disse que era a Rita do 1101. Eu tô aqui, mas eu tô achando que isso pode ter sido um trote.				

	DIFI	Justificativa	Expressão de responsabilidade	Expressão de Repúdio ao Erro	Promessa de abstenção	Promessa de reparação
SPD 29	Dona Álvaro, a senhora me desculpe, mas nós não podemos assinar uma coisa contra o Arnaldo e a Rita. / Dona Álvaro, é, eu sinto muito, mas nós não podemos assinar esse abaixo-assinado.	A Rita é ex-mulher de Mário Jorge, mãe dos filhos dele. / Nós não achamos que a Rita e o Arnaldo mereçam ser punidos.				
SPD 30	Querida, desculpa,	mas agora eu tenho a companhia do coronel Heitor.				da próxima vez eu fico até o final do jantar...
SPD 31	Você me desculpa, viu, Celinha, 'cê desculpa	Com essa confusão toda da Dolly, nós acabamos ficando sem jantar, né?				